



Bloco de Esquerda

***Candidatura à Comissão Coordenadora Concelhia de Aveiro (CCCA)
do Bloco de Esquerda nas eleições de 23 de novembro de 2024***

LISTA A

PODEMOS TRANSFORMAR AVEIRO

candidat@s efetiv@s	n.º aderente	candidat@s suplentes	n.º aderente
1 - João Moniz	11.411	1 - Rita Baptista	10.219
2 - Celme Tavares	6.666	2 - Alexandra Ferreira	17.347
3 - António Monteiro	12.586	3 - João Silva	17.363
4 - Catarina Alves	17.729	4 - Micaela Araújo	14.512
5 - Eduardo Antunes	11.907	5 - Alfeu Frade	15.940
6 - Sónia Gamelas	13.378	6 - Alice Teixeira	15.952
7 - Nuno Penas	16.409	7 - Pedro Pais	14.740
8 - Florbela Jesus	16.392	8 - Janet Ferreira	14.107
9 - Rui Faria	15.497	9 - Tiago Barbosa	12.837
10 - Maria João Branco	15.135	10 - Ana Mingatos	13.833
11 - Nelson Peralta	1.664	11 - João Carlos Coelho	11.915
12 - Carlos Aristides Silva	15.605	12 - Virgínia Matos	6.668
13 - Beatriz Santos	17.307	13 - Miguel Rosa	16.064
14 - Ivo Angélico	8.468	14 - Francisca Matos	15.413
15 - Hugo Nunes	7.344	15 - Olegário Rocha	11.409
		16 - Sónia Correia	14.760
		17 - Gonçalo Alves	17.382
		18 - Mónica Brandão	10.913

1 – A aliança política e social para a alternativa em Aveiro

1.1 – O Bloco de Esquerda conseguiu resultados bastante robustos nas eleições autárquicas de 2021, registando 8,42% para a Assembleia Municipal, o terceiro melhor resultado do partido no país (suplantado por Salvaterra de Magos e Ferreira do Alentejo). Esse reconhecimento e apoio popular coloca exigência acrescida ao partido a qual devemos corresponder.

1.2 – Os 19 anos consecutivos de governação autárquica de direita (PSD e CDS) consolidaram um modelo de desenvolvimento local assente na alienação de património, na promoção da especulação imobiliária, na secundarização do serviço público, na redução drástica do transporte público e aumento de impostos acelerando a exclusão social e a gentrificação. Aprofundou-se um concelho para o turismo e eventos. Este tem sido um período de massiva transferência de riqueza de baixo para cima.

1.3 – A anterior governação do PS, e o PS nestes anos de oposição, não se distinguiu deste modelo de desenvolvimento. A única diferença de fundo proclamada entre a direita e o PS continua a ser a divergência entre a acumulação e gestão da dívida.

1.4 – Existe uma linha de continuidade destas governações do centrão, cujo maior exemplo é a venda de terrenos públicos para habitação de luxo e a recusa em expandir habitação pública ou de ter qualquer política pública de habitação. PS e PSD tiveram executivos de obra física sem obra social, de transformação do espaço público através de investimento público sem políticas de habitação, fazendo o seu preço aumentar drasticamente.

1.5 – Nas eleições autárquicas de 2025 em Aveiro, o Bloco está empenhado na criação de uma ampla aliança social e popular de partidos, movimentos sociais e cidadãos e cidadãs comprometidas numa alternativa à linha do centrão PSD e PS em Aveiro.

1.6 – Esse projeto de transformação política e social deverá assentar no direito à habitação, no acesso universal a serviços públicos, de direitos laborais, de resposta climática e de uma sociedade assente em valores de justiça social e económica, democráticos e humanistas.

1.7 – Assim, desenvolveremos esforços para que essa candidatura possa assumir a figura de coligação pré-eleitoral com outras forças progressistas, ecologistas e de esquerda com uma base programática pré-definida e acordada. Em todo o caso, estaremos igualmente preparados para uma candidatura própria. Como tem sido a prática, o objetivo é a apresentação de listas à Câmara, Assembleia e a todas as freguesias do concelho.

2.0 - À política resta a bricolage?

2.1 – A globalização neoliberal construiu um edifício que esvaziou a democracia e cerceou as escolhas para a vivência coletiva. Foi um edifício desejado, construído e aceite pelo centrão. A vida e a expectativa coletiva pioraram de tal forma que o mantra neoliberal do “se te esforçares, vais ter sucesso individual” deu lugar ao conceito conservador do “cada um tem um lugar fixo na sociedade, e é melhor que te conformes e te comportes de acordo”. Neste processo, a família mundial da social-democracia (em Portugal representada pelo PS) capitulou.

2.2 – Esse edifício albergou a era dos super-ricos, da super-acumulação de capital, da super-desigualdade, da super-desesperança. Essa é a matriz central da atual economia e do desencanto dos povos com o capitalismo realmente existente e as suas instituições.

2.3 – Estando o edifício democrático extirpado de decisões efetivas sobre a vida, agora ditadas pelos mercados, resta aos partidos do sistema a pequena bricolage. É assim que as discussões esotéricas e as teorias de conspiração entram em jogo. Se as elites não estão disponíveis para a transformação, então limitam-se ao chinfrim. Para estes, a guerra cultural passou a ser a única política.

2.4 – Exemplo é a criação pelo PSD de uma guerra cultural de modelo Trumpista sobre a disciplina de cidadania. Como não estão disponíveis para resolver os problemas reais da escola pública: falta de professores, más condições laborais e as degradadas condições do edificado - inventam problemas inexistentes para tentar ocupar o espaço mediático. Não haja dúvidas que no processo atacam comunidades específicas. É também neste modelo que operam os partidos do campo da extrema-direita.

2.5 – Assim, cabe à esquerda afirmar-se como a alternativa à desesperança da governação atual e à bricolage de quem nada quer mudar. Cabe à esquerda um discurso e uma intervenção de narrativa e de alternativa sobre a sociedade. É essa a tarefa da esquerda nesta era dos super-ricos, da ascensão das ideias da direita e da sua extrema, do ódio e da guerra. Uma alternativa de transformação e de esperança. Conceitos estranhos a quem capitulou ao capitalismo realmente existente.

2.6 – A migração é um direito humano e os migrantes são pessoas. Dizer o óbvio perante a ofensiva da direita e da sua extrema. Os números das migrações no país são reflexo não só da vontade individual, mas das suas condicionantes. No caso, um mundo de extrema e desigual acumulação de riqueza e guerras que obriga muitos à procura de uma vida melhor. A imigração flui para onde há necessidades de mão-de-obra e a sua ilegalização não a fará desaparecer, apenas aumentará as condições de exploração dos imigrantes.

2.7 - O capitalismo realmente existente garantiu piores condições de vida para os imigrantes e para os naturais. Para disfarçar a origem do problema, os imigrantes e os mais frágeis da sociedade são transformados em bodes expiatórios. É esse o papel da extrema-direita para a manutenção do sistema.

2.8 – A intensificação da guerra não está desligada da perda de influência de um mundo unipolar, das potências em decadência e de uma União Europeia subalterna aos interesses dos EUA. Reafirmamos o antimilitarismo e a exigência de paz, o fim do massacre do povo palestiano. E o fim das ofensivas dos governos de extrema-direita de Israel e da Rússia.

3 – Um orçamento para os (super)ricos

3.1 – O orçamento 2025 do governo do PSD/CDS tem uma vincada marca de classe. As prioridades são a baixa de impostos sobre lucros das grandes empresas e o alívio fiscal a quem auferir salários mais altos. Igualmente a venda imensa de património público para especulação em vez de o transformar em resposta habitacional pública. Falha na habitação, falha no Serviço Nacional de Saúde, estrangula a capacidade de resposta do Estado e abre o caminho a alterações laborais para enfraquecer ainda mais os trabalhadores.

3.2 – Mesmo assim, este orçamento resolve um conjunto de reivindicações laborais sectoriais que o PS se recusou a resolver. E fá-lo dentro das amarras do défice que o centrão partilha. Portanto, isto coloca em evidência a opção política do PS nos últimos anos que desmereceu estes setores profissionais e o investimento público.

3.3 – Perante este orçamento feito à medida dos ricos, o PS escolhe a viabilização, justificando-se que não quer eleições antecipadas. Se em 2021, o PS preferiu ir a eleições a construir um orçamento que pudesse dar resposta ao SNS e ao trabalho, agora em 2024 prefere este orçamento de classe a um novo orçamento ou a eleições. Esta é a identidade do PS. Com a esta viabilização do orçamento garantida pelo PS, o PSD já começou a deslocar-se e aproximar-se da extrema-direita nos restantes temas.

4.0 - Um partido por uma sociedade socialista

4.1 – A presente candidatura à CCCA assume uma linha de continuidade com a cessante e as anteriores, assumindo a diversidade das lutas que fazem a história do partido e outras que se disputam no momento e para o futuro. Valorizamos as conquistas alcançadas e apoiaremos @s eleit@s do Bloco de Esquerda.

4.2 – Assumimos a luta pela transformação da relação entre trabalho e capital, dando lugar a uma vida sem exploração, à redução do horário laboral, à redução do trabalho por turnos contínuos, à taxação das grandes fortunas, a serviços públicos universais, à saúde e educação pública, à segurança social pública, ao direito à habitação, à mobilidade, à cultura inclusiva e a um planeta liberto do modelo extrativista e com justiça climática.

4.3 – A luta por uma sociedade que elimine todas as discriminações e opressões. A marcha LGBTI+ em Aveiro tem sido um momento importante desse caminho. As movimentações feminista e antiracista tem igualmente aberto caminho em Aveiro. Portugal é dos países mundiais com a legislação mais avançada, resultado da força social e também da intervenção do Bloco. Não é mero património e exige a sua defesa e novos avanços.

4.4 – Assumimos um Bloco de Esquerda anticapitalista, internacionalista e que luta pela construção de uma sociedade solidária, profundamente democrática, diversa e igualitária, sem exploração, sem opressão, sem discriminação. Onde a riqueza é distribuída e usufruída pelos seus produtores.

4.5 – Aveiro registou nos últimos anos um grande influxo de adesões. A atípica sucessão de períodos eleitorais, respetivas campanhas, reuniões e plenários internos acabaram por marcar os últimos anos da CCCA. É agora tempo de garantir tempos de diálogo, debate e formação política para uma melhor integração e partilha de responsabilidades.

4.6 – A liberdade está a passar por aqui. Enquanto que os algozes de (extrema-)direita tentam subverter o debate político com uma novílingua onde o (super)privilégio e a desigualdade ocupam o lugar da liberdade, a esquerda deve reafirmar as raízes de libertação na justiça económica e na igualdade. Sim, é possível transformar a sociedade e garantir uma vida melhor para tod@s.